



A criança com Dislexia: um desafio no contexto escolar nos anos iniciais do ensino fundamental¹

Viviane Garcia²

Lília Schainiuka Heil³

Resumo: Este artigo tem como objetivo conhecer o conceito de Dislexia e as dificuldades de aprendizagem da criança disléxica no contexto escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, buscou-se realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico embasada, principalmente, em MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S (2012), SANA (2005) e FONSECA (1995). Aprofundando os conhecimentos sobre a Dislexia, percebeu-se que a discussão do tema ainda é muito necessária, uma vez que esse transtorno nem sempre é identificado e tratado como se deve, além disso, o diagnóstico precoce e um trabalho diferenciado podem fazer toda diferença na aprendizagem do aluno. Por fim, o artigo é de grande valia, representando ao profissional de educação uma fonte de esclarecimento sobre o tema.

Palavras-Chave: Dislexia, Diagnóstico Precoce, Aprendizagem, Professor, Aluno.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir apresenta a criança com Dislexia, sendo um desafio no contexto escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e quais as dificuldades encontradas pela escola na identificação da criança disléxica. Apresenta, também, as dificuldades de aprendizagem da criança com dislexia no contexto escolar.

A curiosidade sobre o tema surgiu através de experiências vividas com alunos em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas municipais de Ponta Grossa-PR, após verificar as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita enfrentadas por essas crianças. Questionou-se o porquê de tantas dificuldades apresentadas por alguns em especial, que não conseguiam evoluir nas habilidades de leitura e escrita como os demais colegas.

Conforme o trabalho apresentado por Ruzzuti e Muskat (2012), estudos epidemiológicos apontam transtornos de aprendizagem entre 7% a 10% das crianças em idade escolar, no Brasil 40% das crianças apresentam algum tipo

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia. Faculdade Sant'Ana.

² Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Faculdade Sant'Ana.

³ Orientadora; Professora do Curso de Pedagogia Faculdade Sant'Ana.

neurológico, que inclui dificuldades sociais, evasão escolar, falhas de ensino ou fatores neurobiológicos⁴.

Sabe-se que a dificuldade específica na leitura e na escrita é chamada de dislexia, de acordo com World Federation of Neurology, (1968, apud Silva, 2013, p. 49):

A dislexia pode ser definida como um transtorno de aprendizado da leitura que ocorre apesar da inteligência normal, de ausência de problemas sensoriais ou neurológicos, com instrução escolar adequada e oportunidades socioculturais suficientes.

Desse modo, determinadas as pessoas com dislexia apresentam dificuldades somente na leitura e na escrita sem mais nenhum problema visível, mas que pode ser instruída de maneira diferenciada e acontecer o aprendizado.

Levando em consideração a experiência vivida e os dados apontados, percebe-se a relevância de se discutir a fundo a Dislexia, conhecendo suas especificidades, a fim de que possa ser identificada e tratada de maneira adequada.

Nessa pesquisa, pretende-se responder a seguinte problemática: qual importância de um pré-diagnóstico da criança com dislexia nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

A fim de responder a essa problemática e discutir o tema em questão, traçaram-se os seguintes objetivos:

Geral:

- Conhecer o conceito de Dislexia e as dificuldades de aprendizagem da criança disléxica no contexto escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- **Específicos:**
 - Conceituar o termo dislexia ao longo da história, descrevendo seus diferentes tipos;
 - Investigar um pré-diagnóstico nas crianças disléxicas;
 - Refletir acerca do papel do professor frente ao aluno com dislexia;

Para atingir os objetivos traçados, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico, elaborada a partir de material já publicado sobre a Dislexia: livros, artigos, teses e dissertações. Selecionou-se como principal base teórica os

⁴ Neurobiologia: ramo da ciência que estuda a biologia do sistema nervoso

seguintes autores: MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S (2012), SANA (2005) e FONSECA (1995). Autores estes vistos como atuais na área de distúrbios da aprendizagem.

Por meio das leituras e discussões apresentadas, foi possível perceber que todo ou qualquer distúrbio de aprendizagem apresenta-se a partir dos 8 anos, e a dislexia é um desses casos, mas que já pode ser averiguado desde a educação infantil através de algumas características que serão tratadas ao longo da pesquisa e como a observação e intervenção do professor é essencial para um melhor aprendizado dentro da escola. Pois para Rebelo, 1988, p.54, apud Gonçalves, 2011:

"...a prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem dentro da escola, fala-se de «ensinar diagnosticando, onde o professor desempenha um papel importantíssimo e mesmo determinante no sucesso escolar".

A partir desta prevenção, não pode-se esquecer dos profissionais que complementam um diagnóstico preciso, como o psicopedagogo, o neurologista, o fonodólogo, psicólogo e o oculista, pois se algum desses profissionais acusarem algum indicio ou problema que se refere a eles, já é descartado a hipótese de dislexia.

1. DISLEXIA: UM POUCO DE HISTÓRIA

Não podemos falar da história da dislexia e não falarmos, mesmo que brevemente, da escrita. De acordo com Muszkat, Rizzutti (2012), ao longo da história a escrita surgiu de forma lenta devido à evolução do cérebro humano, Iniciando-se através de símbolos, figuras que foram se modificando com o passar do tempo.

As imagens tinham significados e transmitiam mensagens para qualquer outro grupo, como, por exemplo, o desenho de uma águia na pedra era o símbolo de coragem dos guerreiros.

A criação do alfabeto ocorreu com os gregos e evoluiu com os romanos para o nosso alfabeto atual, usando a decodificação e fonemas da língua, trazendo uma ortografia complexa que se apresenta de múltiplas maneiras, que foram se modificando com o passar dos séculos.

Essa complexidade acaba dificultando o entendimento da ortografia e:

"... a razão principal de fracasso parece ser a dificuldade apresentada por certas crianças, mesmo em línguas com ortografia quase inteiramente regular, na descoberta do fonema, chave para a compreensão do princípio

alfabético da escrita". (MORAIS 1995 apud MUSZKAT, RIZZUTTI, 2012, p. 20)

Esses transtornos da leitura e da escrita é o que hoje chamamos de dislexia.

Para os autores Rotta e Pedroso (2006), o termo dislexia foi usado em 1872, em Berlim por Kerr⁵, sendo publicado somente em 1896 por Morgan⁶, que teve o conhecimento de um adolescente que não conseguia ler, mas era cognitivamente perfeito em outras habilidades. No momento era denominado como cegueira verbal e é já visto como problema genético.

Foi um adolescente, encontrado por Hinshhewood⁷, com a inteligência normal, mas que tinha a dificuldade de ler e escrever que fez ressurgir em 1917 a expressão Dislexia. Já em 1925, houve pesquisas para estudar casos referentes a essa dificuldade e as crianças que apresentavam características da dislexia começaram a ser encaminhadas a hospitais de saúde mental.

O estudioso Norton⁸ (1937) começou a se dedicar a estudos e publicou assuntos referentes a transtornos da aprendizagem, descrevendo a dificuldade das crianças de distorcerem as imagens das palavras ou letras. Esta distorção ocorria por falha de uma parte do cérebro que é responsável pela leitura, parte essas chamadas áreas corticais.

Conforme os estudos de Norton (1937), a dislexia pode ser um fator genético, e uma das situações mais comuns é a dificuldade de redesenhar ou reconstruir, a ordem, a sequência e sons das letras.

É possível perceber que a discussão relacionada às dificuldades de escrita e leitura não são tão recentes e passaram por várias etapas e pesquisas, tanto no campo da educação, quanto da ciência.

Com as contribuições do histórico sobre a dislexia, a seguir, trata-se o tema dislexia e quais características que as crianças apresentam no decorrer dos anos da vida escolar.

⁵ James Kerr foi médico da secretaria de saúde em Bradford que publicou em revistas casos estudados por W. Pringle Morgan em 1896.

⁶ Willian Pringle Morgan médico precursor da dislexia, nascido na Irlanda, e se formou em Londres.

⁷ James Hinshelwood, médico oftalmologista em 1917, publicou uma monografia sobre "Cegueira Verbal Congênita".

⁸ Dr. Samuel Orton, psiquiatra, neuroanatomista, que fez vários estudos sobre a mente humana.

As primeiras pesquisas que envolveram a compreensão da dificuldade sobre a leitura no Brasil, ocorreram por meados de 1965 a 1979. Em estudos mais recentes é o campo psiconeurológico que se destaca.

No Brasil em 1983 foi criada a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que teve como objetivo o esclarecimento, divulgação, para ampliar os conhecimentos e sobre dislexia, uma vez que foi comprovado que com um diagnóstico adequado o disléxico terá 80% de melhora no sentido da leitura e escrita.

2. DISLEXIA: AFINAL O QUE É ISSO?

A partir dos estudos mencionados na seção anterior, percebe-se que existem várias denominações para a mesma dificuldade da leitura e da escrita apresentada pelo aluno.

Para Rizzutti e Muskat (2012, p.13), o neurologista Geschwind nomeia uma das dificuldades do aprendizado, em que a característica aparece somente na leitura e na escrita, como segue:

O significado dys, como dificuldade, e lexia, como palavra. No entanto, é na decodificação do sentido da derivação grega de dislexia, que está a significação intrínseca do termo: dys, significado perfeito como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada; e lexia que, no grego, dá significação mais ampla ao termo palavra, isto é, como linguagem em seu sentido amplo.

Este significado faz entender a palavra Dislexia e o sentido da disfunção que ocorre na leitura e na escrita.

A Organização Mundial de Saúde (2012), define a dislexia como: um distúrbio na aprendizagem, que está especificamente ligada à leitura, não explicada por déficit de inteligência, e outros tipos de problemas sensoriais, sociais ou emocionais, visual ou auditiva. (RIZZUTTI e MUSKAT, 2012, p.14)

Desse modo, a dislexia interfere na escrita e leitura, juntamente com dificuldades em decodificação ou soletração, sendo que o indivíduo apresenta uma inteligência normal sem uma característica presente ou visível.

A dislexia do desenvolvimento é o transtorno em que a criança, apesar de ter acesso à escolarização regular, falha em adquirir as habilidades de leitura e soletração que seriam esperadas de acordo com seu desenvolvimento intelectual. (World Federation of Neurologists⁹ RIZZUTTI E MUSKAT, 2012, p.15)

⁹ Federação Mundial de Neurologistas

Neste caso se revela que é na escola que aparece o problema da dislexia, e o indivíduo não consegue acompanhar a turma em que se está inserido.

Segundo o National Institute of Health¹⁰ (Rizzutti e Muskat, 2012 p.15): “a dislexia é um transtorno específico de origem que caracteriza a dificuldade de decodificar, processar ou manipular as palavras”.

Porém, independente dos conceitos abordados, a dislexia mostra de forma expressiva a dificuldade específica da leitura e escrita, ou seja, independente de algum transtorno ou inteligência. Para Sana (2005, p.32), “o termo dislexia é utilizado na situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com que as outras crianças da mesma faixa etária e nível escolar”. E isso mostra que o problema é neurológico.

Na criança com dislexia: “[...] o aprendizado e o significado das letras acontece, mas não a junção correta nas palavras, e devido a isso não ocorre uma leitura fluente...”. (SANA, 2005 p. 32)

A leitura fluente depende das decodificações corretas para que também aconteça um entendimento da escrita. Rizzutti e Muskat (2012, p. 36) relatam que: “A leitura e a escrita envolvem habilidades cognitivas complexas, além de capacidades de reflexão sobre a linguagem no que se refere aos aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos”.

Essas considerações auxiliam a entender a dislexia como um processo neurológico que dificulta essas habilidades.

Para Sana (2005, p. 38) “até o primeiro dia de escola, a criança se mostra como os outros: alegre, participante e interessada com o novo.” O problema da dislexia se mostra, geralmente, no contato com as primeiras letras no ambiente escolar.

O contato com a alfabetização diferencia o aprendizado, pois são graus diferentes que levam ao quadro como os mais severos até aos mais leves. (SANA, 2005). Isto só é analisado a partir do 3º ano do 1º ciclo do ensino fundamental, onde mostra de forma mais nítida que a criança pode ter um problema com a dislexia ou qualquer outro distúrbio de aprendizagem.

Existem algumas características que diferenciam o grau de dificuldade de cada indivíduo, mas isso só pode ser diagnosticado a partir de um contato com a

¹⁰ Instituto nacional de saúde

alfabetização de um ano ou mais. “Para haver um diagnóstico de Dislexia, as dificuldades deverão ser duradoras, isto é, persistirem por pelo menos um ano a um ano e meio, depois de iniciada a alfabetização sistemática”. (SANA 2005, p. 34)

Com essa afirmação, conclui-se que cabe ao profissional conhecer e poder trazer à tona a possibilidade de um caso de Dislexia, a fim de auxiliar o estudante da melhor maneira possível, uma vez que, as causas e as consequências podem afetar a vida do aluno, trazendo uma baixa estima e por muitas vezes até uma rotulação para a criança. Isso só vai afastar cada vez mais o gosto pela leitura e uma falta de interesse da mesma.

Para que o profissional de educação possa ajudar o aluno com dificuldades de aprendizagem é necessário que esse tenha pelo menos um pouco de conhecimento teórico acerca da dislexia, principalmente em relação a como essa dificuldade pode ser perceptível em nossos alunos. A fim de esclarecer esse ponto, apresentamos na sequência os tipos de dislexia.

2.1 Tipos de dislexia

Quando se trata de especificar os tipos de dislexia, encontramos muitas classificações e nomenclaturas variadas. Nesse trabalho, optou-se por abordar a classificação presente em Fonseca (1995), uma vez que o autor especifica de maneira clara e objetiva, trazendo ao professor o entendimento de maneira facilitada.

Dentro da dislexia destacam-se a visual e auditiva, que implicará no processo da leitura. Devemos lembrar que a dislexia visual e a auditiva não se referem a problemas relacionados aos sentidos como a visão e a audição.

Segundo Fonseca (1995), para esse processo acontecer existe uma hierarquia da linguagem, que envolve alguns períodos de maturação como: a integração da experiência não verbal, que envolve o diálogo e interação social; a integração auditiva, que reflete na compreensão e expressão da linguagem verbal; e a integração visual, que verifica a escrita e comunicação verbal, onde se analisa o fator cognitivo.

A dislexia visual, apresentada por Fonseca, representa algumas dificuldades como a de perceber imagens e ter o olhar fixado em algo (desenho ou imagem); diferenciar perto, longe, ou seja, noção espacial; discriminar formas e tamanhos; dificuldades em cópias de desenhos geométricos; problemas com visão periférica e

tem um desfocamento visual; não tem sequência; dificuldades em realizar labirintos; não identifica figuras ao fundo.

No contexto da dislexia auditiva, traz problemas com os fonemas da palavra e não relaciona a palavra como um todo; não associa símbolos gráficos; traz uma confusão silábica e percepção auditiva; não tem atenção e nem memorização auditiva; dificuldades de receber orientação e instruções e apresenta uma dificuldade em se comunicar em geral.

As características se diferem como mostra Fonseca (1995), em problemas sonoros; não associando símbolos gráficos e suas competências; não relaciona fonemas com monemas; apresenta uma desordem em sílabas simples e complexas; dificuldade em seguir orientações, com memorização e comunicação verbal; problemas com percepção auditiva, com as articulações e falta de atenção.

Ainda pode ocorrer de a criança apresentar a dislexia mista, que é a junção da auditiva e da visual.

Muitos profissionais como neurologista, psicólogo, fonodólogo, oculista e o psicopedagogo são familiarizados com o termo Dislexia, mas os professores em geral, no entanto ainda sofrem para identifica-la em seus alunos. Na seção seguinte discutimos como identificar a Dislexia em crianças.

3. IDENTIFICANDO OS SINAIS DE DISLEXIA

Pesquisas nacionais e internacionais mostram os processos de construção para uma primeira avaliação dos sinais de dislexia. Este processo se denomina: Teste para Identificação de Sinais de Dislexia (TISD).

O objetivo dessa triagem é favorecer uma pré-avaliação para os casos de uma eventual dislexia, mas não descarta a necessidade de um diagnóstico mais profundo com avaliações de profissionais especializados.

Segundo o órgão internacional Dyslexia Early Screening Test (Teste de triagem inicial de Dislexia - DEST-2), desenvolvido por Nicolson e Fawcett (2003), o perfil do indivíduo é baseado em avaliações como: nomeação rápida, discriminação fonêmica, estabilidade postural, rima, dígitos, nomeação de dígitos, nomeação de letras, ordem de sons, cópia de formas, atenção, vocabulário, coordenação viso motora, que ocasionam um transtorno da leitura.

No Brasil, segundo Capovilla (2001), houve uma adaptação para o International Dyslexia Test (Teste de Dislexia internacional - IDT) para o português, trazendo algumas formas de avaliação em várias habilidades, tais como: escrita, leitura, matemática, e alguns processos fonoaudiológicos, auditivo, visual, dificuldades motoras e de raciocínio, mostrando que há alterações nesses processos que interferem no ensino-aprendizagem. O objetivo foi elaborar uma maneira precoce de identificar problemas referentes à leitura, apresentando sete subtestes:

... é o conhecimento do alfabeto, consciência fonológica, memória de trabalho, velocidade de acesso à informação fonológica, atenção visual, leitura de palavras e não palavras e compreensão de frases a partir de figuras apresentadas. (CAPELLINI et al. 2009. p. 367)

Essas práticas em identificar problemas são um pré-diagnóstico sobre a dislexia, para crianças de oito (8) a onze (11) anos e o Teste para Identificação de Sinais de Dislexia (TISD) favorece o encaminhamento mais completo para avaliação de crianças disléxicas, pois, segundo Capellini (2009), “o diagnóstico com uma afirmação verdadeira sobre quadro de dislexia é necessário com avaliações de vários profissionais referentes ao que o aluno apresenta como suas dificuldades”, evidencia-se, assim, como uma avaliação precoce é importante para um atendimento diferenciado do aluno.

3.1. Perfil e características presentes em crianças disléxica com a idade escolar no Ensino Fundamental.

Geralmente, a criança com dislexia pura, ou seja, sem nenhuma outra dificuldade na aprendizagem, apresenta um QI acima de oitenta (80), sendo assim, são pessoas com inteligência acima do normal, como Einstein, Newton, Edison, Beethoven, W. Disney (Fonseca, 1995).

O físico renomado Einstein relata sua dificuldade em uma frase:

“Quando leio, somente escuto o que estou lendo e sou incapaz de lembrar da imagem visual da palavra escrita.” (ROTTA e PEDROSO, 2006).

Algumas características psicomotoras interferem na aprendizagem como mostra Fonseca (1995) através de conceitos de outros estudiosos, no caso da dislexia, como: uma má lateralidade (Orton, 1937); um insuficiente desenvolvimento no **corpo caloso e lóbulos frontais** e um EGG diferentes das crianças normais (Duffy, 1985); distorção perceptivo-espacial (Frostig, 1965); uma memória de curto tempo (Bannatyne, 1971).

As características se diferenciam também de acordo com a faixa etária e com graus de severidade na criança dentro da sala de aula. (SANA, 2005. p.33).

As dificuldades nas idades dos 8 anos aparecem de forma mais frequentes, pois ainda estão no processo de alfabetização. Deve-se levar em conta caso perdure a dificuldade de uma forma relevante, onde se trata de leitura e escrita.

Nesses casos, geralmente, a criança é rotulada, e apresenta inquietações durante a aula, pois não consegue decodificar a leitura, ou como argumenta a autora Sana (2005) “não consegue automatizar, pois há uma confusão na grafia mais simples, nas similares e sonoras de algumas letras ou palavras”. Exemplos:

Grafias Simples: a/o, c/o, e/c, f/t

Grafias Similares: b/d, b/p, d/q, n/u

Grafias Sonoras: d/t, j/x, c/g, v/f

Essas crianças se apresentam de forma mais dispersa, e não tem o interesse no aprendizado, ainda mais quando se fala em ler e escrever.

E ainda o aluno apresenta uma dificuldade em reconhecer as semelhanças e diferenças de sons como: TUA de SUA; ou de MÃO de NÃO, como ilustra Fonseca (1995).

Segundo Sana (2005), as crianças disléxicas não conseguem contar os números, não aprendem a tabuada, precisam de material concreto para realização de atividade que contenham números, e demoram um pouco mais quando se trata de lateralidade, onde mostram a dificuldade de um simples amarrar dos sapatos.

Para ler, escrever ou calcular, por exemplo, o cérebro põe em marcha, para cada um dos processos, um complexo sistema funcional, composto de vários subsistemas visuais, auditivos, tátil-cinestésicos e motores, subléxicos, léxicos, cognitivos e metacognitivos que interagem sequencialmente, melodicamente e sistemicamente. (FONSECA, 1995. P.318).

Essas dificuldades e características acabam desencadeando uma série de sintomas visíveis na sala e por muitas vezes incompreendido pelo educador.

As crianças se apresentam tristes por não entenderem o que leem, mesmo que tenham e que mostrem o interesse para a realização da leitura, e por mais simples que tenha sido a leitura, acabam tentando adivinhar o que leram, pois decodificam somente a primeira letra e assimilam com alguma parecida: Soltou/ Salvou.

Geralmente a depressão acompanha essa tristeza, pois a criança não consegue o sucesso na escola e por muitas vezes não supera o fracasso se mostrando agressiva. A criança se sente inferior às outras crianças na sua idade cronológica, surgindo assim problemas emocionais e enraizando para o rendimento escolar (Projecto da responsabilidade da apie - Associação Portuguesa de Investigação Educacional - Educação Especial e Deficiência. 2011).

O insucesso escolar para crianças disléxicas, em particular, traz o abandono escolar do ensino obrigatório e reprovações constantes durante a sua vida dentro da escola. (Gonçalves, 2011).

Destaca-se aqui, a relevância da identificação do aluno com Dislexia já no início do Ensino Fundamental – anos iniciais, a fim de que possa ter a oportunidade à aprendizagem.

3.2 O professor e a criança com dislexia na sala de aula

O tema dislexia é na maioria das vezes esquecido nas escolas, e isto pode fazer com que rótulos comecem a aparecer nos alunos, mas isto acontece por falta de informação dos professores sobre o assunto.

A criança pode ser observada pelos pais ou educandos precocemente, pois a dislexia é genética e isso faz com que a mesma apresente já algumas características onde diferencia as das outras, características essas sem nenhuma forma aparente no aluno. (RICHART E BOZZO, 2009)

Alguns sintomas podem ser observados nos disléxicos de forma isolada, mas deve-se lembrar de que nem todos que tem sintomas parecidos ou iguais à dislexia têm a dislexia.

Neste caso é necessário verificar se não é um distúrbio ou déficit de aprendizado, e para isso é necessário um pré-diagnóstico, com avaliações realizadas por uma equipe especializada e envolvida dentro do contexto escolar.

Como afirmam as autoras Ianhe e Nico apud Richart e Bozzo (2009) alguns sintomas podem ser observados desde pequenos como:

“...dificuldade com a coordenação motora fina e grossa, dificuldade no processamento auditivo, dificuldade viso espacial, discalculia, disgrafia, disnomia¹¹, memória de curto prazo, excelente memória de longo prazo, dispersão, entre outros”.

¹¹ Disnomia significa uma disfunção da linguagem, uma incapacidade em nomear pessoas ou objetos.

Mas para isto é de extrema importância que os profissionais e os pais tenham as informações corretas sobre a dislexia, e indo mais além, há a necessidade do educador observar em todos os sentidos seus alunos em sala de aula.

Segundo as autoras Rodrigues e Silveira (2008 apud Richart e Bozzo 2009, p.8):

“O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo saber, se isso não acontecer este aluno não desenvolve sua criatividade e capacidade para construir sua própria história de vida, por isso é importante que o professor conheça o universo cultural de cada cultura “.

Neste período o educador deverá pôr em prática seus conhecimentos e fazer uma investigação com mais atenção na sala de aula com seus alunos, juntamente com anotações e tirar suas conclusões e a partir daí começar agir (Richart e Bozzo 2009, p. 9-10).

Essas afirmações só confirmam que as ações do professor são essenciais para o desenvolvimento do aluno e para que o mesmo se sinta incluído e acompanhe a classe que estão inseridos, facilitando o aprendizado em sala de aula.

Mesmo sabendo que desde a educação infantil já existe alguns sintomas possíveis para a dislexia, é no ensino fundamental I que o aluno mostra de forma aparente a dificuldade na leitura e na escrita em sala de aula.

As atividades diferenciadas oferecidas aos alunos com Dislexia não vão fazer com que desapareça o problema que a dislexia traz, mas vão contornar e amenizar os obstáculos que a dislexia trará na parte da alfabetização e durante a sua vida toda.

Algumas ações podem facilitar o trabalho do professor em sala de aula, assim como segue:

“Use vários materiais de apoio para apresentar a lição à classe [...]; anuncie o trabalho com bastante antecedência [...]; realize aulas de revisão [...]; aumente o limite de tempo pra provas escritas; leia a prova em voz alta e antes de iniciá-la verifique se todos entenderam e compreenderam o que foi pedido; avise nos 10 primeiros dias de aula o desejo de conversar individualmente com os alunos que tem dificuldades de aprendizagem. (IANHEZ; NICO, 2002 apud RICHART E BOZZO, 2009)

Contudo, é muito importante o papel do professor na fase da alfabetização, e a partir de suas atitudes se mostrará comprometido com o bem estar e o aprendizado do aluno com dislexia.

Mas será com a ajuda dos pais e com a orientação dos professores, que fará a diferença, sendo através de estímulos que o aluno enfrentará as dificuldades na

sala de aula quando o assunto for tratar de um texto, leitura, ou algo que exija que o mesmo precise decodificar letras ou palavras. É necessária uma motivação mútua, sem uma exigência, mas uma coleta do que foi possível no momento da leitura (MUSZKAT, RIZZUTI, 2012, p.73).

Sendo assim, percebe-se que só se fortalece a importância do pré-diagnóstico, da informação sobre o assunto dislexia e como tratar o aluno em sala, trazendo assim dois métodos usados: o multissensorial, e o fônico.

O **multissensorial** é oferecido para crianças que já tem um problema há mais tempo na escola, então são para crianças em séries mais avançadas e que apresentam certas dificuldades específicas na leitura e na escrita.

Para Maria Montessori (apud Muszkat, Rizzutti 2012, p. 69), a audição, visão, cenestésica e tátil devem estar unidas, onde haja uma conexão entre os sentidos, trazendo o fonema e a escrita mais enfatizados, letra por letra, palavra por palavra e depois introduzi-las em frases ou até textos mais curtos.

Este método está incluído a soletração oral e após a escrita para a concretização e a decodificação da palavra.

O **fônico** traz objetivos em desenvolver e ensinar de forma mais natural, e que através de experiências com as crianças, as mesmas apresentam dificuldades nas decodificações das palavras.

Para o ensino regular este método é o mais indicado, pelo sentido de estarem na iniciação da alfabetização e que serve também até para o aluno sem distúrbios.

Sendo assim:

“Torna-se urgente, portanto, que tais atividades fônicas e metafonológicas sejam incorporadas, tanto pelos professores na própria sala de aula, quanto pelos profissionais da área psicoeducacional em suas atuações clínicas e orientações escolares. Essas atividades, já disponíveis no Brasil, podem ajudar a prevenir e a intervir a dificuldade da aquisição da linguagem escrita.” (MUSZKAT, RIZZUTTI, 2012. P.70)

Assim, os autores afirmam que se pode prevenir através de atividades e com orientações específicas e escolares uma diminuição dos problemas graves que a dislexia pode causar futuramente na criança.

É importante intervir precocemente na educação da criança disléxica e o professor deve ensiná-la com atividades mais lúdicas e concretas, contribuindo para o aprender a ler sem muita dificuldade.

Em 2009, estudos do IBGE/UNICEF mostraram que dentro da população 15% é disléxica, com isso de vinte e cinco (25) alunos, três (3) a quatro (4) das crianças são afetadas em sala.

Este distúrbio neurológico, que é a Dislexia, não é um assunto tratado com frequência em nossos componentes curriculares, sendo que deveria ter um cuidado maior por ter uma relação direta na leitura e na escrita, ou seja, com uma orientação adequada para os professores e pedagogos a criança poderia ser alfabetizada sem sofrimento.

Para evitar isso, reafirma-se a importância do diagnóstico precoce e um tratamento diferenciado e adequado, pois se a criança não tiver esse diagnóstico, provavelmente se tornará uma adulto ainda com problemas na leitura. Como segue a afirmação:

Trata-se de uma desordem (dificuldade) manifestada na aprendizagem da leitura, independentemente de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sócio-cultural. O cérebro de disléxicos, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura, os disléxicos recorrem somente à área cerebral que processa fonemas. A consequência disso é que disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida. (FONSECA, 1995, p. 330)

Levando em consideração que o QI do aluno disléxico é normal ou até acima e que dislexia não é uma doença, o disléxico pode muito bem ser alfabetizado.

Esta alfabetização deve ser feita através de fatores relacionadas com atividades diferenciadas que favoreçam o ensino dos alunos, e o pedagogo deve dar um primeiro impulso para essa alfabetização, segundo Zorzi (2009, apud Gomes, 2014, p. 143), “alfabetizar implica educar a mente e os sentimentos. A criança precisa apropriar-se não só das letras, mas de todas as sensações que elas podem expressar”.

O pedagogo deve monitorar as atividades e avaliar de forma diferenciada junto com o professor, pois o disléxico não aprende como um aluno sem o distúrbio.

Desta forma, os métodos e recursos devem ser repensados, para que o mesmo tenha um atendimento que o favoreça. Como mostra na lei nº 9.394/ 1996 há um processo inclusivo, dinâmico, que interage de forma aberta, com uma concepção

humanista, com a intenção de formar cidadãos pensantes e se sintam como sujeito participativo dentro da sociedade.

Juntamente com a lei nº 9.394/ 1996, afirma que:

“... a educação inclusiva vem penetrando no sistema de ensino público regular, e em razão da nova posição pedagógica de ensino e de uma prática pedagógica especial, de dar condições de reconhecer, compreender, respeitar seus alunos, independentemente de suas habilidades ou dificuldades de aprendizagem.” (MELLO 2008 apud GOMES 2014, p. 143),

Analisando assim, vemos que são os pedagogos e os professores que devem estar preparados, ou melhor, aptos para acompanharem os alunos disléxicos, pois esses alunos são considerados para ABD- Associação Brasileira de Dislexia (2009) como NEE- Necessidades Educacionais Especiais e também as escolas precisam estar preparadas para um atendimento, que utilize métodos multissensoriais.

Em contrapartida o Decreto 7.611/2011, considera que a educação especial devem contemplar só as pessoas com deficiência, crianças superdotadas ou com transtornos do desenvolvimento, e a Dislexia acaba sendo esquecida dentro das escolas, então:

A qualificação do professor é de suma importância para superar a ideia de que o fracasso escolar é uma culpa exclusiva do aluno. O resultado do desempenho do aluno está ligado ao que se chama de motivos intra-escolares, o que suscita a responsabilidade do educador, do orientador educacional, e de outros profissionais que desenvolvem atividades dentro da escola (TAVARES, 2009, p. 46).

Essas afirmações só intensificam como é imprescindível a qualificação do profissional da educação, para que o mesmo consiga acompanhar ou pelo menos direcionar o aluno para um diagnóstico preciso.

Para atender essa demanda de forma efetiva o AEE- Atendimento Educacional Especializado traz métodos com base na legislação para garantir uma educação de qualidade, mas o que para Gomes (2014), é essencial em trabalhar com o aluno disléxico é que o profissional da educação precisa aceitar o diferente, sem críticas nas dificuldades do aluno dentro da sala de aula.

4. Possibilidades de atendimento diferenciado

É de extrema importância ressaltar que, a dislexia não aparece na criança por uma alfabetização inadequada, ou que a maneira de ensinar foi errada (Fonseca,

1995). Existem algumas intervenções pedagógicas que facilitarão o ensino do disléxico na leitura e que se deve usar das tecnologias como forma de tratamento.

Assim afirma FONSECA (1995, p. 342) que:

“As alternativas educacionais (métodos diferentes) colocam-se quando o sistema de leitura se encontra um tanto disfuncional. Aqui é necessário saber jogar com o potencial substrato remanescente, do qual podem, portanto, resultar estratégias diferentes das que são utilizadas para o ensino em massa. Está em causa não só respeitar o perfil das necessidades educativas especiais, bem como valorizar o potencial neurológico e maturacional da arte, da música, da micromotricidade e psicomotricidade que garantem uma auto-estima à criança para superar as suas dificuldades.”

E dessa forma amenizar os problemas que apareceram para criança que tem dislexia, e possibilitando um tratamento diferenciado, mesmo sabendo-se que a dislexia não é tratada como uma deficiência e sim como um distúrbio na leitura e escrita. Nesses casos discute-se sobre o direito de um tratamento diferenciado.

Neste sentido, deve-se lembrar de que existem fatores que facilitaram o desempenho escolar do aluno. Métodos e atitudes em que o disléxico terá um progresso e evitará transtornos emocionais como baixa estima.

Para Artigas (1999), (Shaywitz apud Rotta e Pedroso 2006), há recomendações que trabalham com propostas pedagógicas e tipos de avaliações escolares. É necessário que o disléxico entenda o seu problema e saber que tem como orientá-lo na questão do aprendizado escolar.

O aluno diagnosticado deve sentar perto do educador e não sentir medo de questionar quando houver dúvida; o profissional também deve entender que a leitura da criança será mais lenta do que dos outros alunos; e quando houver a escrita não corrigir o aluno em público, ou fazer com que o aluno repita a escrita. É necessário achar uma nova forma de atividade relacionada ao erro. Em casos de leitura em sala não expor o aluno para ler em voz alta e ressaltar ações positivas sobre atividades que se refere a essa dificuldade de ler e escrever.

Já no contexto pedagógico, o educador deverá reduzir a tarefa quando se referir à linguagem escrita e incentivar o hábito de anotar tudo que é explicado em sala pela professora, assim poderá relembrar tudo o que foi trabalhado em sala de conteúdo.

Os materiais visuais também deverão fazer parte do recurso de trabalho, como ilustrações juntamente com textos lidos e evitar textos muito longos.

Segundo Artigas, 1999) e Schwytz, 2006 apud Rotta e Pedroso 2006, p. 179) as avaliações que ocorrem dentro da sala de aula, devem ser aplicadas com um tempo maior para as crianças já diagnosticadas, sem questões múltiplas sobre o assunto aplicado da disciplina, isto porque a criança tem à dificuldade de reconhecimento da questão lida.

E por fim proporcionar um lugar tranquilo para a realização das atividades, deixando de lado a desconcentração e sim chamar do mesmo a ter atenção para dentro da sala de aula.

Essas são apenas algumas sugestões de como se trabalhar com o aluno com Dislexia, a fim proporcionar a esse aluno uma aprendizagem sem maiores sofrimentos e consequências futuras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as constatações sobre a conceituação do tema que se refere à dislexia, percebe-se a importância de saber como diagnosticar precocemente uma criança disléxica e como isso pode contribuir para o aluno um aprendizado mais coerente dentro de uma sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental.

Quanto mais cedo for detectada, melhor será para a criança, pois as consequências serão menores. Essas consequências como a rotulação e defasagem da aprendizagem poderão ser contornadas pelo professor e o aluno terá mais entusiasmo de aprender mesmo sabendo de suas dificuldades.

O diagnóstico precoce facilitará o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, e sua vida escolar será menos conturbada. Importante lembrar, que um diagnóstico mais preciso só ocorre a partir dos oito (8) anos, quando a criança começa a apresentar possíveis indícios de uma possível Dislexia.

Muitos disléxicos que não recebem diagnóstico, como mostra o referencial, sofrem durante a vida escolar e isso perdura até a vida adulta e, muitas vezes, muitos não sabem do problema e as rotulações continuam.

Uma vez com um diagnóstico, o professor pode achar maneiras diferenciadas de aprendizado, possibilitando ao aluno uma forma mais prazerosa de aprender, além de mostrar que mesmo com dificuldade o aluno é sim capaz de desenvolver a habilidade de ler e escrever.

A Dislexia se torna um desafio para o professor e para o aluno dentro da sala de aula, e caso o professor não tenha o conhecimento dessa possibilidade que pode ocorrer na escola, o trabalho pode ter consequências traumáticas para a criança e um desgosto pela vida escolar.

Sendo assim, este trabalho se torna relevante para a prática docente, contribuindo, mesmo que brevemente, para uma melhor visão das questões de dificuldades na sala de aula referente aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental que apresentam quadro de dislexia.

A pesquisa que foi realizada sobre a dislexia, me fez entender e reconhecer alguns erros que cometemos com a criança que apresenta algum tipo de dificuldade na alfabetização. Sendo assim é satisfatório para minha realização profissional o conhecimento sobre o assunto e analisar o com mais clareza de como pre-diagnosticar, o porquê diagnóstico.

Abstract: This article aims to get to know the concept of dyslexia and the learning difficulties of dyslexic children in the academic context of the initial years of elementary school. For that, a bibliographical research was done based mainly on MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S (2012), SANA (2005) and FONSECA (1995). Deepening the knowledge about dyslexia, it was realized that discussing the subject is still very necessary, since this disorder is not always identified and treated, as it should. In addition, an early diagnosis and a differentiated work can make a really big difference in the learning process of the student. Finally, this article is of great value to the professional of education, representing a source of clarification on the subject.

Keywords: Dyslexia, Early Diagnosis, Learning, Teacher-student.

REFERÊNCIAS:

ABD. **Associação Brasileira de Dislexia**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<<http://www.dislexia.org.br/>>>

American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (1999). Standards foreducationalandpsychologicaltesting (3rd ed.). Washington, DC: Author. American Psychiatric Association. (2002). DSM-IV-TR: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (ed. rev.). Porto Alegre: Artes Médicas.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras**

providências. Brasília, 2011. Disponível em:
<<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2011/Decreto/D7611.htm>>.

Capellini, S. A., Sampaio, M. N., Matsuzawa, M. T., Oliveira, A. M., Fadini, C. C., & Martins, M. A. (2009). **Protocolo de identificação precoce dos problemas de leitura: estudo preliminar com escolares de 1º ano escolar.** *Psicopedagogia*, 26(81), 367-375.

COELHO, D. T. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia.** Disponível em:
<<<http://www.ciecuminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>>>. Acesso em 17/ 10/ 2017.

CONCEIÇÃO, M. Estudo da dislexia – Histórico. 2010. Disponível em:
<<<http://melofreud.blogspot.com.br/2010/10/historico-dislexia.html>>>. Acesso em: 20/ 10/ 2017

Dislexia - Conhecer para intervir. Projeto da responsabilidade da apie - Associação Portuguesa de Investigação Educacional - Educação Especial e Deficiência. (2011). In ação de formação apie 2011. Disponível em:
<<<http://edif.blogs.sapo.pt/81016.html>>>. Acesso em: 14/08/17.

FERREIRA, N.S.A. A Pesquisa sobre Leitura no Brasil: 1980 – 1995. Disponível em:<<<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-ContribuicoesEscrita.pdf>>>. Acesso em: 20/ 10/ 2017.

FONSECA, da V. **Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura.** 2009. Disponível em: <<www.revistapsicopedagogia.com.br/exportar-pdf/229/v26n81a02.pdf>>. Acesso em: 14/08/17.

FONSECA, da V. **Introdução as dificuldades de Aprendizagem.** 2. ed. rev. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1995. p. 318 - 353.

FRANCO, M. A. M; GUERRA, L. B. **Práticas Pedagógicas em contextos de Inclusão. Situação de sala de aula.** Jundiaí. Ed. Paco: 2015. p. 21.

GOMES, F. M. **O papel fundamental do pedagogo para alfabetização dos alunos disléxicos.** Disponível em:<<<https://petpedufba.wordpress.com/2014/09/09/dislexia-o-papel-fundamental-do-pedagogo-para-alfabetizacao-dos-alunos-dislexicos/>>>. Acesso em 26/ 08/ 2017.

GONÇALVES, M, M, da C. **A Relação da Dislexia, Insucesso Escolar e Educação Especial. Ação de Formação.** Disponível em:
<<<file:///C:/Users/user/Downloads/A%20relacao%20da%20dislexia.pdf>>>. Acesso em: 14/08/17.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. IBGE. Brasília, 2009. **Síntese de indicadores sociais – 2009.** Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br/home/>>>.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996. Disponível em:
<< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>>.

MELLO, M. de N.D. & DIAS, M. de J. F. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<<http://www.nead.unama.br>>>. Acesso em: 18/

MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S. **Educação & Saúde: O professor e a dislexia**. Ed. Cortez: 2012. p. 118.

NICO, M. A. N. **Dislexia**. Disponível em: <<<http://www.profala.com/artdislexia4.htm>>>. Acesso em: 14/ 08/ 2017.

IANHES, M. E; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

RICHAR, M. B; BOZZO, F. E. F. **Detecção dos sintomas da dislexia e contribuições pedagógicas no aspecto ensino aprendizagem para alunos do ciclo e do ensino fundamental**. Lins, São Paulo: 2009. p. 14.

RODRIGUES, M. Z; SILVEIRA, L. **Dislexia: Distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no Ensino Fundamental**. 24 abr. 2008. Disponível em: <<<http://www.webartigos.com/artides55511dislexia-disturbio-de-aprendizagem-da-leitura-e-escrita-no-ensino-fundamentalpagina1.html>>>. Acesso em: 7 abr. 2009.

ROTTA, N. T. PEDROSO, F. S. **Transtornos da Aprendizagem**. Cap. 11. Porto Alegre: 2006. p.150 – 187.

SANA, C. C. **Por que meu filho não aprende?** Ed. Eku: Santa Catarina. 2005. p. 32 a 50.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico as crianças com necessidades educacionais especiais: dislexia**. Monografia de Pós-Graduação Lato Sensu em Distúrbio de Aprendizagem pela Faculdade de Medicina do ABC. São Paulo, 2008.

YOSHIMATSU, M. H; TAVARES, A. **Transtornos específicos da aprendizagem: Dislexia e Discalculia**. Disponível em: <<<https://lndufmg.wordpress.com/2014/10/14/transtornos-especificos-da-aprendizagem->>>. Acesso em: 17/ 10/ 2017.

ZORZI, J. L. e CAPELLINI, S. A. / organizadores. **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem**. – 2^a ed. São José dos Campos: Pulso, 2009.